

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Faculdade de Letras  
Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino  
de Leitura e Produção de Texto - PROLEITURA

Joaquim Junior da Silva Castro

**O ENSINO DE PRÁTICAS DE LINGUAGEM ORAL NAS AULAS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA**

Belo Horizonte  
2022

Joaquim Junior da Silva Castro

## **O ensino de práticas de linguagem oral nas aulas de Língua Portuguesa**

### **Versão final**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Texto – PROLEITURA, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Leiva de Figueiredo Viana Leal

Belo Horizonte  
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos

### ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO ALUNO JOAQUIM JUNIOR DA SILVA CASTRO

Realizou-se, no dia 10 de outubro de 2022, às 09:30 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *O ENSINO DE PRÁTICAS DE LINGUAGEM ORAL NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA*, apresentado por JOAQUIM JUNIOR DA SILVA CASTRO, número de registro 2020741827, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Profa. Leiva de Figueiredo Viana Leal - Orientadora, Profa. Raquel Lima de Abreu Aoki (UFMG), Profa. Danúbia Aline Silva.

A Comissão considerou o Trabalho:

(X) Aprovado

( ) Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 10 de outubro de 2022.

Profa. Leiva de Figueiredo Viana Leal (Doutora)

Profa. Raquel Lima de Abreu Aoki (Doutora)

Profa. Danúbia Aline Silva (Doutora)



Documento assinado eletronicamente por **Leiva de Figueiredo Viana Leal, Usuário Externo**, em 18/10/2022, às 15:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Raquel Lima de Abreu Aoki, Professora do Magistério Superior**, em 18/10/2022, às 21:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Danúbia Aline Silva Sampaio, Usuário Externo**, em 14/11/2022, às 08:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1808690** e o código CRC **2A4214CB**.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais: senhor Joaquim Silvério Pita de Castro e senhora Sandra Helena da Silva Castro (*in memoriam*) pela preocupação constante em proporcionar, para mim e para meus irmãos, uma educação de qualidade. Se hoje sou professor, devo muito a eles.

À professora Leiva pelas contribuições tão pertinentes à minha pesquisa. Obrigado, professora!

Aos professores que se dispuseram a participar do estudo. Suas contribuições engrandeceram a minha pesquisa.

## RESUMO

Este trabalho se insere no campo dos letramentos e da oralidade como práticas sociais e de ensino de língua portuguesa. Consideramos o ensino da oralidade muito importante, haja vista que ele proporciona uma consciência crítica e cidadã aos estudantes, além de proporcionar a eles ferramentas para uma boa argumentação e uma boa postura ao falarem publicamente, nas diversas demandas sociais. A pesquisa, nesse sentido, teve como objetivo analisar as práticas de oralidade em aulas de língua portuguesa de professores que atuam nos Ensino Fundamental II e Médio. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa, por meio da aplicação de um questionário eletrônico, respondido por oito professores que atuam em escolas públicas e privadas no estado de Minas Gerais. Os resultados mostraram que os professores tentam, cada vez mais, em suas práticas, aprimorar o ensino da oralidade, além de torná-lo comum em suas aulas. Porém, há ainda defasagens que precisam ser sanadas.

Palavras-chave: Ensino de oralidade. Letramentos. Ensino de língua portuguesa.

## **ABSTRACT**

This work is part of the field of literacies and orality as social practices and of Portuguese language teaching. We consider the teaching of orality very important, given that it provides critical and citizenship awareness to students, in addition to providing them with tools for good argumentation and a good posture when speaking publicly, within the various social demands. The research, in this sense, aimed to analyze the orality practices in Portuguese language classes of teachers who work in elementary school and high school. In order to do this, qualitative research was carried out, through the application of an electronic questionnaire, answered by eight teachers who work in public and private schools in the state of Minas Gerais. The results showed that teachers are increasingly trying, in their practices, to improve the teaching of orality, in addition to making it common in their classes. However, there are still gaps that need to be addressed.

Keywords: Orality teaching. Literacies. Portuguese language teaching.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>1.1 Objetivo geral</b> .....	<b>8</b>
<b>1.2 Objetivos específicos</b> .....	<b>8</b>
<b>2 APORTE TEÓRICO</b> .....	<b>9</b>
<b>2.1 Gêneros discursivos orais</b> .....	<b>11</b>
<b>3 ASPECTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>14</b>
<b>3.1 O contexto de pesquisa</b> .....	<b>14</b>
<b>3.2 Sujeitos da pesquisa</b> .....	<b>15</b>
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	<b>16</b>
<b>4.1 Levantamento I</b> .....	<b>23</b>
<b>4.2 Levantamento II</b> .....	<b>25</b>
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>31</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>33</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo da oralidade tem sido cada vez mais abordado em algumas universidades, sejam elas do exterior, como a Universidade de Genebra, ou nacionais, como a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), pois há um número considerável de pesquisas recentes na área, como as de Marcuschi (2001); Signorini (2002); Dionísio, Machado e Bezerra (2002); Elias (2011); Leal, Brandão e Lima (2012); Costa-Maciel (2014); Costa-Hubes (2015); Costa-Maciel, Luna e Rodrigues (2016); Cristovão e Magalhães (2017).

Embora cada vez mais debatida pelos autores supracitados, nas universidades e nas escolas básicas, percebe-se ainda uma marginalização deste eixo de ensino da oralidade nas atividades de Língua Portuguesa em relação aos demais, a saber, produção escrita, leitura e análise linguística. Essa marginalização ocorre na medida em que a oralidade ou não é tratada devidamente, com a sistematização dos gêneros orais, ou simplesmente não é trabalhada ou abordada nos materiais didáticos. Tal aspecto é negativo, considerando que se percebe, ainda, a supremacia da escrita nas aulas de português, o que leva ao senso comum de que, se o aluno já sabe falar, não é necessário que se ensine a ele aspectos da oralidade. Há, ainda, o aspecto referente ao preconceito de se ouvir o aluno, o tempo todo, falar “errado”, não havendo atenção às variações linguísticas dos jovens.

Marcuschi (1966; 2001; 2007), Fávero, Andrade e Aquino (1999), Leal e Gois (2012), Bueno e Costa-Hubes (2015), entre outros, apontam para a necessidade de uma maior valorização da oralidade em sala de aula, entendendo a sua importância social. Além disso, destacam a falta de um desenvolvimento sistemático com a oralidade, de modo que, ao ser solicitada, muitas vezes é simplesmente abordada na forma de uma oralização dos textos escritos.

No trabalho em questão, tendo como aporte teórico os autores mencionados, propusemos um questionário que foi aplicado a professores de Língua Portuguesa da educação básica. Cada pergunta foi pensada com base nas práticas desses professores, motivadas justamente pela busca do entendimento de como tratam a oralidade em suas salas de aula.



Retomaremos, mais adiante, a discussão acerca da sobreposição do ensino da escrita em detrimento das formas orais e o modo como os professores enxergam o trabalho da oralidade em suas práticas cotidianas. Usaremos as respostas das entrevistas para nossa análise.

Consideramos que a questão em torno da oralidade se torna ainda mais complicada não quando está ausente, mas na forma como é abordada nas salas de aula da escola básica. Atualmente, entende-se que o ensino da oralidade deve ser, sobretudo, por meio dos gêneros orais, como seminário, roda de conversa, roda de leitura, contação de histórias, debate regrado, depoimento, entre outros, havendo um ensino dos seus aspectos linguísticos e discursivos inerentes a cada gênero oral (LEAL; BRANDÃO; LIMA, 2012). Contudo, essa prática tem sido limitada ou deficiente.

Soma-se a isso a falta de uma formação dos professores de Língua Portuguesa – anos iniciais e finais – adequada aos novos contextos de ensino de LP. Entendemos que essa formação precisa se debruçar em arcabouços teóricos e metodológicos que deem o devido suporte para a prática docente. No âmbito da licenciatura, o foco continua sendo na abordagem da escrita. Com isso, consideramos que uma das razões para a ausência de uma prática pedagógica mais coerente ao objeto de ensino decorre da ausência de formação voltada para esse fim.

## **1.1 Objetivo geral**

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) tem como objetivo geral analisar a concepção de ensino da oralidade incorporada por professores dos ensinos fundamental e médio e quais os impactos dessa concepção em suas práticas.

## **1.2 Objetivos específicos**

Este TCC tem como objetivos específicos:

- 1) Analisar como as práticas orais são sistematizadas e planejadas na escola;
- 2) Entender como os professores concebem a importância da oralidade;

- 3) Comparar essas concepções e práticas àquilo que é preconizado pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

## 2 APORTE TEÓRICO

Em primeiro lugar, apontamos o que são as práticas de oralidade. A BNCC define o eixo da Oralidade como:

O Eixo da Oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, spot de campanha, jingle, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, playlist comentada de músicas, vlog de game, contação de histórias, diferentes tipos de podcasts e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação (BRASIL, 2018, p. 78).

Nesse sentido, o documento reconhece a importância da oralidade, na medida em que os gêneros que a constituem proporcionam riquíssimas interações no dia a dia em sociedade. Com isso, esses gêneros mencionados precisam estar em sala de aula, de modo que os alunos se apropriem deles e se tornem, cada vez mais, cidadãos interessados nas diversas práticas de linguagem.

Outra definição do que seja oralidade é trazida por Marcuschi, que afirma ser esse eixo integrante do sistema da língua:

Aspecto central nesta questão é a impossibilidade de situar a oralidade e a escrita em sistemas linguísticos diversos, de modo que ambas fazem parte do mesmo sistema da língua. São, portanto, realizações de uma gramática única, mas que do ponto de vista semiológico podem ter peculiaridades com diferenças bem acentuadas, de tal modo que a escrita não representa a fala (MARCUSCHI, 2008, p. 191).

Vê-se, pois, que o autor defende que oralidade e escrita têm peculiaridades acentuadas, ou seja, é interessante que reconheçamos que ambas fazem parte das práticas de linguagem de uma mesma língua, no nosso caso, o português brasileiro, entretanto, no que tange ao ensino, os gêneros discursivos precisam ser sistematizados com os alunos, reconhecendo as características de cada um.

Ainda de acordo com a BNCC:

A oralidade precede a escolaridade, sendo a forma natural de aprendizagem da língua fora da escola, desenvolvendo-se desde muito cedo por meio das

interações familiares e sociais. Na escola, porém, a oralidade (a fala e a escuta) torna-se objeto de conhecimento – de suas características, de seus usos, de suas diferenças em relação à língua escrita – e ainda objeto de desenvolvimento de habilidades de e ainda objeto de desenvolvimento de habilidades de uso diferenciado em situações que demandam diferentes graus de formalidade ou atendimento a convenções sociais (BRASIL, 2018, p. 64).

Portanto, a oralidade na escola é parte do objeto de ensino de LP, uma vez que o aluno tem de dominar habilidades e atribuir sentido às práticas de oralidade aprendidas. Ele já sabe falar, mas não há a premissa de que domine os gêneros orais, tampouco que saiba se utilizar, em situações discursivas diversas, dos seus aspectos formais da língua.

Segundo o documento:

Assim, o eixo Oralidade inclui conhecimentos sobre as diferenças entre língua oral e língua escrita e os usos adequados da oralidade em interações formais e convencionais. Além disso, considerando que a língua oral não é uniforme, pois varia em função de diferenças de registros – formais ou informais –, de diferenças regionais (relativamente numerosas na vastidão do território nacional), de diferenças sociais (determinadas pelo pertencimento a esta ou àquela camada social) –, esse eixo inclui também conhecer as variedades linguísticas da língua oral e assumir atitude de respeito a essas variedades, o que é fundamental para que se evitem preconceitos linguísticos (BRASIL, 2018, p. 63-64).

Dessa forma, não podemos considerar a oralidade como única e uniforme. Ela tem as suas demandas específicas e que variam de acordo com níveis de formalidade, níveis sociais, variedades linguísticas. Tudo isso deve ser aprendido na escola, de modo que os alunos saibam interagir com essas diferentes demandas no dia a dia, na sociedade.

Nesse sentido, Lacerda e Magalhães (2019) consideram que a oralidade não é abordada da maneira que deveria, pois há o senso comum de que os estudantes já sabem falar e que, por isso, não há a necessidade de aprofundamento nas práticas orais:

Por ser a fala apropriada num processo natural independente da escolarização, e por haver, ainda, em nossa sociedade, o mito da supremacia da escrita, acredita-se que o ensino de oralidade é desnecessário, visto que os alunos já “sabem falar”, fato que restringe as atividades escolares quase sempre à escrita, quando muito em leitura voz alta ou discussões de temas propostos (oralidade integrada) onde a produção final, na maioria das vezes, retorna à escrita (LACERDA; MAGALHÃES, 2019, p. 4).

Com isso, mais uma vez, a oralidade fica marginalizada nas aulas de língua portuguesa, em que as atividades solicitadas, em vez de estarem ancoradas em gêneros orais, voltam-se continuamente para as produções escritas.

De acordo com Marcuschi, letramento e oralidade relacionam-se de modo a se constituírem como práticas sociais. Para o autor:

A **oralidade** seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso.

O **letramento**, por sua vez, envolve as mais diversas práticas de escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro [...]. Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita (MARCUSCHI, 2008, p. 25, destaque no original).

Marcuschi, então, considera o fato de oralidade e letramento estarem ligados, embora sejam práticas distintas e, juntas, firmarem as práticas demandadas pelas sociedades, cada uma com suas especificidades, uma complementando a outra, como as práticas religiosas, comícios políticos, manifestações culturais diversas, entre outras. De forma semelhante, Rojo aponta que, no âmbito da oralidade, “são textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar” (ROJO, 2012, p. 19).

## 2.1 Gêneros discursivos orais

Sendo a oralidade uma prática social, é interessante que os professores da educação básica possibilitem aos estudantes diferentes práticas de linguagem oral, ou seja, é relevante que eles tenham contato com diferentes gêneros de textos orais como:

Produzir vídeos, *podcasts* noticiosos e de opinião, entrevistas, comentários, *vlogs*, jornais radiofônicos e televisivos, dentre outros possíveis, relativos a fato e temas de interesse pessoal, local ou global e textos orais de apreciação e opinião – *podcasts* e *vlogs* noticiosos, culturais e de opinião, orientando-se por roteiro ou texto, considerando o contexto de produção e demonstrando domínio dos gêneros (BRASIL, 2018, p. 143).

Essas práticas vão ajudar os estudantes nas diferentes situações comunicativas como cidadãos críticos e conscientes do mundo em que vivem. Isso porque os gêneros contribuem para o agir humano, como afirma Bronckart, ao considerar que “qualquer texto, qualquer que seja seu gênero ou seu tipo, seja oral ou escrito, pode contribuir, a seu modo, no processo de reconfiguração do agir humano” (1946, p. 35). Por isso, o ensino ou o desenvolvimento das capacidades de produção de gêneros discursivos orais necessita ser sistematizado na escola e se fazer presente no planejamento dos professores.

Nesse sentido, entendendo que as práticas de oralidade se relacionam com as práticas languageiras e, também, com o agir docente, é importante considerarmos sua diversidade, para que as discussões no percurso da formação não sejam fugam à realidade de vida dos alunos, das suas necessidades reais de interação no cotidiano.

Bronckart aponta, ainda, que “a linguagem só existe em práticas, e essas práticas, ou jogos de linguagem, são heterogêneas, diversas e estão em permanente transformação” (1946, p. 16). Sendo assim, além de considerá-las, é preciso entender que elas são dinâmicas e se modificam, afinal de contas, vivemos em uma sociedade predominantemente urbanizada e tecnológica.

Mas como devem se dar essas práticas languageiras? Entendemos que isso deve ocorrer por meio dos gêneros discursivos, mas não somente por eles mesmos; há de se considerar seus contextos de uso, quais são as pessoas que os utilizam, com qual finalidade, em que ambiente. Essas considerações devem fazer parte do processo construtivo da sala de aula, do agir docente, da sociedade como um todo. Dolz e Schneuwly afirmam que “o trabalho escolar, no domínio da produção de linguagem, faz-se sobre os gêneros, quer se queira ou não. Eles constituem o instrumento de mediação de toda estratégia de ensino e o material de trabalho, necessário e inesgotável, para o ensino da textualidade” (2004, p. 52). Eles, afinal, estão presentes – coexistem – no ambiente da linguagem (BRONCKART, 2006).

Por isso, faz-se necessária a integração do gênero à sua realidade discursiva. Percebemos, pois, que, para se ensinar um gênero, seja ele escrito ou oral, o professor precisa mobilizar fatores intrínsecos a ele, dando um enfoque à interação, em uma perspectiva interativa da linguagem, assim como é atualmente sugerido ao ensino de Língua Portuguesa.

Além de todos esses fatores, cabe mencionar que os gêneros vão se tornando estruturas mais complexas ao longo da escolarização (ROJO; SALES, 2004), o que permite ao docente explorar algo não abordado ou aprofundado anteriormente, além de criar novas significações para um determinado trabalho com o gênero. O professor pode explicar, por exemplo, que um debate regrado pode ter especificidades para determinados momentos ou que ele não vai funcionar da mesma forma em turmas diferentes, considerando a idiosincrasia de cada uma, assim como sua complexidade será trabalhada a depender das condições dessas turmas. Ademais, o docente deve levar em consideração as capacidades de linguagem para melhor abordar as variadas formas orais.

Cristóvão (2016) afirma que as capacidades de linguagem são importantes por considerarem o texto em uma situação comunicativa, ou seja, dentro de um contexto social. As capacidades de ação têm como fator relevante relacionar o texto ao contexto de produção; as capacidades discursivas propiciam a relação de sentido entre a organização e a apresentação do gênero estudado; as capacidades linguístico-discursivas referem-se aos recursos e operações com a linguagem, para a compreensão do texto; e, por fim, as capacidades de significação possibilitam a construção de sentido para as atividades sociais.

As capacidades de linguagem contribuem, nesse sentido, para uma melhor realização e entendimento do texto como um todo, criando sentido na relação ensino-aprendizagem dos gêneros discursivos, sejam eles orais ou escritos. Entendemos que as quatro, conforme sugerido pela autora – de ação, discursivas, linguístico-discursivas e de significação – podem nos auxiliar em nossas pesquisas, na busca por compreender a melhor maneira de se ensinar os gêneros orais em sala de aula.

### **3 ASPECTOS METODOLÓGICOS**

Para realização desta pesquisa, aplicamos um questionário a professores com o intuito de analisar os resultados de suas respostas sobre o ensino da oralidade. A seguir, detalhamos o processo e a metodologia utilizada.

### 3.1 O contexto de pesquisa

O presente estudo tem como contexto sujeitos de pesquisa professores que atuam com o componente Língua Portuguesa em escolas das redes pública e privada no estado de Minas Gerais.

Este estudo tratará de uma pesquisa de cunho qualitativo, entendendo que ela se volta para mergulhar em profundidade nos fenômenos que emergem em contextos reais de vida, fora da dimensão mensurável da realidade. Dessa forma, observaremos como se dão as manifestações das práticas de oralidade em aulas de língua portuguesa, analisando e descrevendo a realidade dessas práticas no contexto de professores – anos finais do ensino fundamental e ensino médio – em escolas públicas e privadas de Minas Gerais.

Segundo Godoy (1995, p. 63), “os pesquisadores qualitativos tentam compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes” (1995, p. 63), além de que, ainda para a autora, na “abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada” (GODOY, 1995, p. 62).

Nesse sentido, tais ferramentas serão necessárias para a condução de nossas pesquisas. Houve, então, uma coleta de dados com professores da Educação Básica, por meio de um questionário eletrônico. O questionário foi elaborado pelo *Google forms*, plataforma específica para este fim – criar formulários e contou com 19 perguntas divididas em duas seções: “Levantamento I”, com questões relacionadas à formação e “Levantamento II”, com questões relacionadas às práticas docentes. O questionário foi enviado a oito professores com o objetivo de entender quais as concepções que os docentes têm acerca da oralidade e como eles trabalham com esse eixo de ensino.

Escolhemos previamente os professores aos quais enviamos o questionário, levando em conta sua atuação no ensino fundamental e médio, sendo homens e mulheres de gerações diferentes, com os quais tínhamos contato. Nosso intuito era o de analisar as respostas acerca de cada uma de suas práticas.

### 3.2 Sujeitos da pesquisa

Encaminhamos o formulário a oito professores de língua portuguesa selecionados previamente, que lecionam em diferentes turmas e escolas, que o responderam. Tratam-se de professores do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio e, entre eles, há dois homens e seis mulheres, que trabalham tanto na rede pública como na privada. Abaixo, trazemos a descrição das turmas e das redes em que esses professores lecionam:

- Professor 1 - leciona no ensino fundamental II em uma escola particular.
- Professor 2 - leciona no ensino médio em um Instituto Federal.
- Professora 3 - leciona no ensino fundamental II em uma escola particular.
- Professora 4 - leciona no ensino fundamental II e no ensino médio em uma escola particular.
- Professora 5 – leciona no ensino médio em uma escola particular.
- Professora 6 - leciona no ensino fundamental II em uma escola particular e outra pública.
- Professora 7 - leciona no ensino fundamental II e no ensino médio em uma escola particular, bem como em uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola pública.
- Professora 8 - leciona ensino médio em uma escola particular.

O questionário foi dividido em dois levantamentos: 1) Levantamento I (questões de múltipla escolha): dados sobre formação; tempo de magistério; turmas para as quais leciona; relação com práticas de leitura; relação com práticas de oralidade; e desafios para o ensino de língua portuguesa nos dias atuais (ANEXO 2). 2) Levantamento II (questões abertas): dados sobre compreensão das práticas de oralidade; importância da linguagem oral na formação dos alunos; lugar das práticas de oralidade nas aulas; gêneros orais que privilegia nas aulas; como conduz a questão das variedades linguísticas; como avalia o conhecimento dos novos gêneros orais para os alunos; quais tecnologias digitais domina; se gosta de ler via ferramentas digitais; como a linguagem oral é tratada na proposta pedagógica da escola em que trabalha; e qual ou quais das práticas de linguagem oral os alunos apreciam mais (ANEXO 3).

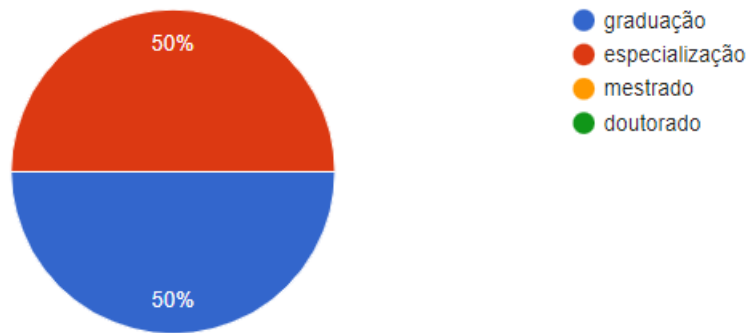


## 4 ANÁLISE DOS DADOS

**Gráfico 1 – A respeito da formação dos professores**

Qual a sua formação?

8 respostas



Dados da pesquisa. Fonte: elaborado pelo autor, 2022.

De maneira geral, quanto à formação, 50% têm apenas graduação e os outros 50% têm especialização. Nenhum deles têm mestrado e doutorado, o que pode significar que esses profissionais poderiam aperfeiçoar o seu fazer docente se tivessem uma formação continuada e que essa falta impacta diretamente as suas práticas. Provavelmente, eles não continuaram no mundo da pesquisa por falta de políticas públicas com esse objetivo.

Uma formação de professores de qualidade contribui para que esse futuro profissional desempenhe com excelência a sua profissão. Ademais, deve-se pensar a formação do professor como uma “formação profissional universitária” (NÓVOA, 2017, p. 1109), ou seja, uma formação que vise ao exercício da profissão, assim como nos cursos de engenharia, medicina e arquitetura, por exemplo. Contudo, a graduação deve ser seguida por uma atualização constante, ainda que não ocorra por meio dos estudos formais.

Nesse sentido, com relação aos dados do gráfico, podemos perceber que, como metade dos professores têm apenas a graduação, talvez suas práticas não estejam tão atualizadas, haja vista as grandes mudanças tecnológicas e/ou culturais ao longo do ano. Isso sugere que, quanto mais o professor se especializa, mais ele aprimora suas práticas. Essa descontinuidade da formação pode se dar também por

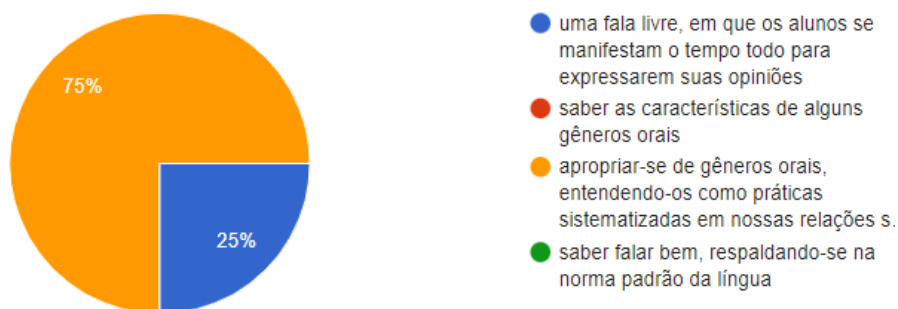
uma falta de incentivos, seja pela desvalorização da profissão perante a sociedade, seja pelo número reduzido de políticas públicas e de cursos voltados para aprofundamento do fazer docente e do dia a dia em sala de aula.

### Gráfico 2 - Concepção dos professores sobre práticas de oralidade

Para você, compreende-se como práticas de oralidade:



8 respostas



Dados da pesquisa. Fonte: elaborado pelo autor, 2022.

Vê-se que 75% dos entrevistados compreendem as práticas de oralidade como apropriação de gêneros orais, entendendo-as como práticas sistematizadas em nossas relações sociais. 25% deles, por sua vez, entende como práticas de oralidade uma fala livre, em que os alunos se manifestam o tempo todo para expressarem suas opiniões.

De uma maneira geral, as respostas quanto a esse item foram positivas, na medida em que a maior parte deles vê a oralidade como algo que deva ser sistematizado. Como sabemos, há ainda a concepção, por parte de muitos professores, de que a oralidade deva ser apenas a oralização de textos escritos, não a concebendo, portanto, como algo que precisa ser ensinado modo que os alunos se apropriem dos gêneros discursivos orais. Em contrapartida, uma parte dos respondentes ainda enxerga a oralidade como “uma fala livre”. De fato, essa fala livre também pertence às manifestações orais, mas não é a essência do desenvolvimento da oralidade, que, como supracitado, deve ser sistematizado. Pensamos que o motivo pelo qual enxergam a oralidade dessa forma deve-se, provavelmente, a uma falta de formação continuada ou de atualização, como mostrado no Gráfico 1, que possa proporcionar outras concepções acerca do ensino de oralidade. Além disso, se tivéssemos bons materiais didáticos essa

lacuna poderia ser minimizada.

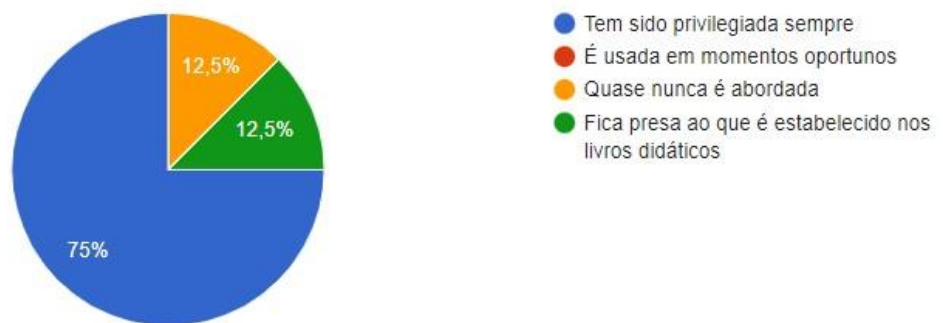
Com relação às outras duas opções, percebemos que nenhum professor as marcou. Acreditamos que a opção “saber as características de alguns gêneros orais” seja, de fato, muito importante, porque se relaciona à estrutura do gênero. Entretanto, delegar essa definição como a de uma efetiva prática de oralidade realmente não é ideal e os professores mostraram ter esse conhecimento. A opção “saber falar bem, respaldando-se na norma padrão da língua” também estaria inadequada, fato observado pelos docentes. Sabemos que o nível de formalidade depende do contexto de comunicação do gênero oral proposto, então, se é uma entrevista, por exemplo, há uma formalidade; uma roda de leitura, por outro lado, já seria mais informal.

### Gráfico 3 - Recorrência das práticas de oralidade nas aulas

Em suas aulas, a prática de oralidade:



8 respostas



Dados da pesquisa. Fonte: elaborado pelo autor, 2022.

Com relação a esses dados, 75% dos respondentes dizem que, em suas aulas, as práticas de oralidade têm sido privilegiadas. 12,5% afirma que quase nunca ela é abordada e, do mesmo modo, 12,5% dos professores afirmam que ficam presos ao que é estabelecido nos livros didáticos.

Consideramos que esse quesito também foi majoritariamente respondido de maneira positiva, pois a maioria dos professores afirma que as práticas de oralidade têm sido privilegiadas. Embora não saibamos exatamente como isso se dá, é possível dizer que se trata de um indicativo positivo.

Na contramão, uma parte considera que ainda está presa ao que é colocado

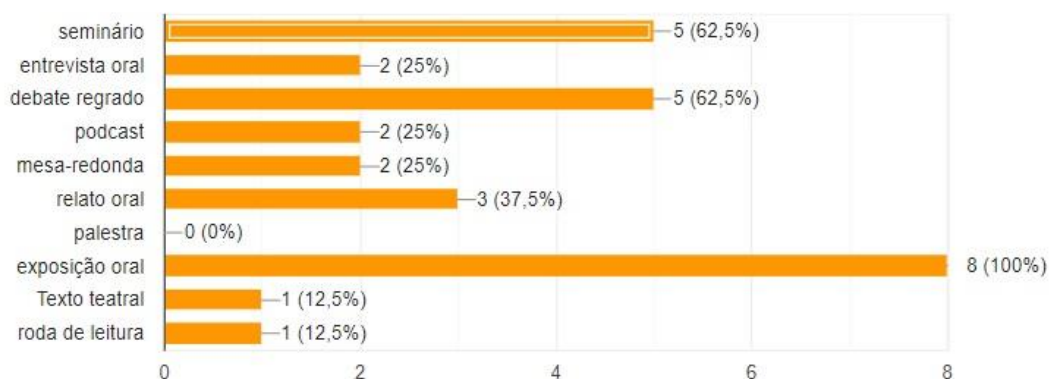
nos livros didáticos, bem como uma quantidade expressiva afirma que ela nunca é abordada, o que é preocupante, pois demonstra como a escrita é privilegiada e a oralidade, por sua vez, é apagada do contexto de sala de aula.

#### Gráfico 4 - gêneros que privilegiam no planejamento

Quais gêneros orais você mais privilegia em seu planejamento?

 Copiar

8 respostas



Dados da pesquisa. Fonte: elaborado pelo autor, 2022.

Como podemos observar, seminário e exposição oral são os gêneros orais mais abordados. Pensamos que um possível motivo para essas respostas seja o de que, para os professores, a proposição de um seminário para avaliar o conteúdo aprendido facilita a coordenação da atividade, por exemplo. No caso da exposição oral, por ser um gênero textual mais “livre”, há também relativa facilidade de condução.

É interessante observarmos que a maioria dos professores apontou, anteriormente, que privilegia a oralidade, entretanto, concentram-se em tipos muito específicos de gêneros orais. Um *podcast* ou mesmo um texto teatral, que são gêneros mais elaborados e requerem maior dedicação, são pouco abordados. Quanto à palestra, não houve nenhuma marcação. Um gênero como esse exige vários aspectos extralinguísticos, como postura, tom de voz, vestimenta adequada, o que sugere que, para sistematizá-lo adequadamente com os alunos, não seria uma tarefa fácil.

Até mesmo o seminário requer alguns cuidados, não podendo ser ensinado apenas para que os estudantes façam uma exposição sobre determinada temática. Trata-se de um gênero formal e que exige o desenvolvimento de habilidades e

competências que não são aprendidas no dia a dia, conforme aponta Bilro, Costa-Maciel e França (2017):

É um gênero que, por sua natureza formal, propicia o desenvolvimento de competências que, em geral, não são apreendidas no cotidiano, por não fazerem parte das instâncias privadas de produção e exigirem um maior grau de planejamento no uso da fala pública (BILRO; COSTA-MACIEL; FRANÇA, 2017, p. 287).

Sendo assim, deve haver um planejamento para a produção do gênero. Não se trata de uma fala livre e desorganizada. Há questões outras de oralidade que também precisam ser avaliadas, como fala, postura, gestos, contato visual, alinhamento do que está nos *slides* com o discurso (quando há recursos visuais) etc. As respostas obtidas no questionário não nos permitem avaliar a concepção dos professores de como se daria um seminário. Nesse sentido, é importante que os docentes tenham um olhar mais abrangente com relação aos outros gêneros textuais, sugeridos inclusive pela BNCC (BRASIL, 2018), de modo que suas práticas estejam de acordo com um mundo mais tecnológico e discursivo. Segundo o documento:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens (BRASIL, 2018, p. 67).

Com isso, o ensino em língua portuguesa deve propiciar ao estudante não apenas um ensino dos gêneros sociais emergentes e tecnológicos, mas um ensino desses gêneros atrelado a uma capacidade de tornar os alunos cientes de seus papéis como cidadãos, tornando-os críticos e conscientes do mundo em que vivem.

#### **Gráfico 5 - Como é conduzida a questão das variedades linguísticas nas aulas**

Como conduz, em suas práticas de linguagem oral, a questão das variedades linguísticas?



8 respostas



Dados da pesquisa. Fonte: elaborado pelo autor, 2022.

Nota-se que 75% afirma procurar conduzir em suas aulas a questão das variedades linguísticas. 25% considera as variantes trazidas pelos alunos.

Em função dessas respostas, é necessário considerar alguns pontos. Um deles é que não houve, por exemplo, nenhuma marcação com relação à fala orientada para a norma padrão. Entendemos, pois, que essa mediação precisa ser feita, na medida em que há contextos sociais, como uma entrevista de emprego, em que os alunos terão que se utilizar de uma linguagem mais formal. É nesse momento que entra o papel da escola, considerando que muitos alunos só têm acesso à norma culta no ambiente escolar. Apenas dois professores destacam a importância da norma padrão, mesmo respeitando as variantes trazidas pelos estudantes. Em relação àqueles que dizem procurar orientar o uso da linguagem, não obtivemos especificações de como o fariam, mas chama a atenção o fato de não destacarem a importância da norma padrão. Se, conforme o Gráfico 4, a exposição oral e o seminário são os gêneros orais mais trabalhados pelos professores, o ideal é que demarcassem, na realização dessas atividades, os contextos de uso da norma.

As variantes linguísticas se relacionam muito com a oralidade, na medida em que o professor precisa considerar os diversos falares dos alunos, sua diversidade, apontando que o uso da língua dependerá do seu contexto. Nesse sentido, é diferente quando estamos em uma conversa com amigos em um bar e quando estamos em uma entrevista de emprego. Devemos, portanto, adequar o nosso falar para cada situação comunicativa. Em outras palavras, as variedades linguísticas se

relacionam sobremaneira com a oralidade, na medida em que o professor valoriza as variantes trazidas pelos alunos e, com isso, dá destaque à importância de se respeitar o falar do outro, sem perder de vista a relevância de se aprender a norma culta, que é ensinada na escola, considerando-se que, muitas vezes, esse aluno, principalmente os de camadas mais populares, têm acesso à norma padrão apenas na escola. Portanto, é um direito dos estudantes que eles a aprendam, mas sem deixar de lado as suas raízes, seja na escrita ou na oralidade.

### Gráfico 6 - Importância da aprendizagem dos novos gêneros orais

Como você avalia esse conhecimento (dos novos gêneros orais) para os alunos:

8 respostas



Dados da pesquisa. Fonte: elaborado pelo autor, 2022.

Com relação à avaliação do conhecimento dos novos gêneros orais, a resposta foi unânime: todos os professores consideram algo muito importante. Dessa maneira, os docentes entendem que, sim, a aprendizagem dos novos gêneros orais é muito relevante, haja vista que constituem as novas práticas sociais, demandadas por um contexto cada vez mais tecnológico. Contudo, é preciso ressaltar que a abordagem dos novos gêneros orais em sala de aula ainda encontra diversas limitações, uma vez que parte dos respondentes apontou se prender ao conteúdo dos livros didáticos (Gráfico 3).

A seguir, trazemos outras perguntas do formulário em que os professores puderam elaborar melhor suas respostas.

## 4.1 Levantamento I

### **Qual a sua relação com as práticas de leitura? (Você se considera um/a bom/a leitor/a? – O que costuma ler por necessidade? E por prazer?)**

“Tenho boas práticas de leitura, mas no momento estou lendo mais o que os meus alunos lêem para poder acompanhá-los nas aulas” (Professor 2).

“Considero-me uma boa leitora, amo ler. Amo ler contos, crônicas, romances, narrativas diversas. Sou fã de carteirinha de Machado de Assis e do Realismo brasileiro. Leio livros religiosos também. Mas, ultimamente, tenho lido mais por necessidade de montar aulas e de estudar os livros didáticos da escola do que por prazer” (Professor 1).

“Adoro ler matérias jornalísticas, depoimentos, notícias, matérias voltadas à educação” (Professor 7).

“Boa relação, costumo ler por necessidade e por prazer” (Professor 6).

De modo geral, as respostas foram muito positivas, entretanto, percebemos que alguns professores têm lido apenas aquilo que usam para ministrar aulas. Por questões de tempo, a leitura por deleite não tem sido a mais recorrente, de forma que os docentes acabam se restringindo ao material didático utilizado em cada escola. No entanto, reconhecemos que qualquer tipo de leitura é válida, pois o que eles leem é para o aprimoramento de suas práticas.

### **Qual a sua relação com as práticas de oralidade? (Quais são as práticas orais em que você está inserido no dia a dia e como você lida com elas?)**

No geral, os docentes assumem ter em suas aulas práticas de oralidade, no entanto, eles não especificam como eles as sistematizam:

“As práticas de oralidade que eu lido no dia a dia são nas aulas de literatura em que debatemos o livro escolhido” (Professor 5).

“Gosto muito de trocar experiência (leituras, filmes, vivências pessoais e profissionais) tanto com os alunos quanto com as pessoas no geral” (Professor 1).

Observamos que os docentes têm práticas de oralidade apresentadas em sala de aula, mas não adentram no aspecto da sistematização. Na última fala, por exemplo, percebemos que o professor entende a oralidade como um simples ato de trocas orais de experiências sobre obras lidas ou assistidas.



### **Para você, quais são os desafios concernentes ao ensino de língua portuguesa nos dias de hoje?**

As respostas para essa pergunta vão desde a questão de interesse dos alunos pelas aulas de português até a influência da pandemia que, de certa forma, causou uma grande defasagem na aprendizagem dos alunos. Destacamos o apontamento do Professor 3:

Nossa, muitos! É difícil resumir. Pelo que tenho visto na minha prática, os alunos têm muita preguiça de ler e de escrever. Estão com uma leitura e com uma escrita extremamente prejudicadas, frases truncadas, erros graves de ortografia e de pontuação. Isso ocorre em qualquer turma, até no 3º ano do Médio. Acho que os desafios são inúmeros. Tenho visto muitas famílias 'mimando' seus filhos, de modo que eles não aprendem efetivamente, pois a cobrança dos professores é vista como negativa. Tenho visto a negligência da escola e a aprovação por mera burocracia. Os alunos não se interessam pela própria língua, porque é difícil, dentro de um currículo corrido, aguçar para atividades variadas. Precisamos dar o conteúdo do livro e cumprir com rigor as regras da instituição. Vejo que o maior desafio é atrair a atenção de jovens um tanto quanto descompromissados e focados excessivamente em tecnologia.

Percebemos, nessa resposta, a dificuldade que os discentes estão tendo na escrita e na leitura. Esses aspectos são vistos única e exclusivamente como culpa dos professores, pois, segundo o professor, há muitas famílias “mimando” seus filhos, provavelmente não cobrando que cumpram com seus deveres. A questão da aprovação sem aprendizagem profícua também é destacada, além do currículo, que é muito fechado e não proporciona margem para atividades mais diversas. Há outro ponto: alunos chegam ao final do Ensino Fundamental com essas lacunas e, em grande parte estudaram na mesma escola. O que a escola tem feito por eles? Uma escola que empurra os alunos sem fazer nada por eles, para recuperar o que lhes falta, é a escola da exclusão e presta um excelente serviço à exploração de mão de obra barata.

Segundo o Professor 4: “As maiores dificuldades *[sic]* é mostrar sentido no ensino de gramática normativa”. A fala nos chamou a atenção porque há uma cobrança aos professores de português, atualmente, de se ensinar a gramática de uma maneira mais contextualizada. Fazer isso nem sempre é fácil, dados os aspectos muito estruturalistas e rígidos próprios da gramática normativa. Nesse sentido, entendemos que, por vezes, é difícil de se mostrar sentido no ensino de gramática, considerando que a língua oral tem aspectos tão diferentes dessa

língua “artificial” da gramática. Os alunos, de fato, questionam isso e acham chato aprender uma língua que não é recorrente nas práticas sociais.

Com a pandemia eu senti que os alunos estão muito acostumados a terem tudo em mãos, e não se interessam por pesquisar ou fazer os exercícios em sala de aula, o que gera uma grande dificuldade na hora de focar determinados conteúdos (Professor 4).

Aqui, tem-se a questão da pandemia, como supracitado, o que gerou um certo conforto aos alunos, que agora estão se sentindo desafiados, sobretudo no momento de focar em algumas atividades e exercícios em sala de aula, com a supervisão presencial do docente.

## 4.2 Levantamento II

### **De que maneira tem explorado essa prática em suas aulas de Língua Portuguesa?**

Com relação às práticas de oralidade, destacamos o apontamento do Professor 8: “Nas aulas de literatura, que debatemos o livro escolhido com os alunos”.

Notamos que há uma preocupação quanto às práticas de oralidade, entretanto, não pudemos perceber durante suas falas a questão da sistematização de gêneros orais. Ou seja, o trabalho efetivo de ensino de gêneros orais, de modo que os alunos se apropriem deles. O docente acima, por exemplo, menciona um debate, mas não diz como ele é organizado, o que os alunos aprendem dele, entre outros aspectos.

Confesso que exploro muito pouco a oralidade em sala de aula. Trabalho mais o gênero debate regrado nas turmas do 2º e do 3º ano do Médio para exercício de argumentação e comecei, recentemente, uma roda de leitura na turma do 9º ano através da obra "A hora da estrela" (solicitada pela escola) (Professor 8).

O docente acima afirma explorar pouco a oralidade, mas menciona trabalhar o debate regrado de uma obra que foi solicitada pela escola. No entanto, também não há uma explicitação de como é realizada sua abordagem. Também na fala do Professor 8 o debate aparece como central quanto às práticas de oralidade, porém não explicita o modo como ocorre sua

sistematização:

Trabalho com a contextualização e com atualidades, mesmo porque preparo meus alunos para o Enem, na disciplina de redação. Levamos reportagens e notícias para sala de aula e debatemos os recentes acontecimentos sempre abordando as causas e consequências (Professor 8).

### **Do ponto de vista do ensino da LP, qual a importância da linguagem oral na formação dos alunos?**

Algumas respostas se mostraram um pouco inadequadas, quanto ao ensino de oralidade, a exemplo do comentário do Professor 3: “Além de uma fala mais livre sobre os seus conhecimentos, eles adquirem uma boa oratória”.

Vê-se que o professor entende a importância da linguagem oral como simplesmente um falatório livre que, automaticamente, fará com que os alunos tenham uma boa oratória, sem mencionar a necessidade de sistematização ou trabalho com a norma culta. De modo semelhante, o Professor 3 aponta: “Saber se expressar é fundamental para defender o ponto de vista”. No entanto, não explica em que sentido saber se expressar é fundamental para defender uma opinião? Como deve ser essa “expressão”? Através de quais gêneros orais? Então, mais uma vez, a concepção da oralidade como algo livre, instantâneo, em que o aluno apenas por falar já seria capaz de argumentar de uma maneira satisfatória sem a sistematização se faz presente.

**Sérgio Roberto Costa, um estudioso de letramentos e também de oralidade, ressalta em um de seus textos, ao falar do hipertexto, que a diversidade dos textos multissemióticos, atualmente, contribuem para um rompimento de fronteiras entre a oralidade e a escrita, o que é positivo, pois evidencia o “nascimento” de novos gêneros textuais, ou seja, gêneros que têm surgido conforme as mudanças tecnológicas. Conhece alguns desses novos gêneros? (sejam eles da escrita e/ou da oralidade)**

Algumas das respostas sobre o conhecimento dos gêneros modernos foram negativas ou demonstraram pouca familiaridade: “Não” (Professor 2); “Não conheço” (Professor 8); “Já ouvi falar, mas preciso de formação continuada sobre” (Professor 4).

Outros professores apontaram utilizar alguns dos gêneros. Acreditamos ser interessante observar como o *podcast* tem um destaque entre as respostas: “Sim,

utilizo textos como podcasts para abordar sobre. Nos primeiros anos, inclusive, um dos trabalhos é um podcast” (Professor 6); “HQ [histórias em quadrinhos], charges, debates regrados” (Professor 5); “Sim... o podcast, a entrevista, o gênero oral retextualizado...” (Professor 2).

### **Quais tecnologias digitais domina?**

As respostas para essa pergunta variaram bastante. Algumas foram bem positivas, no sentido de que há um domínio grande por parte de alguns professores; outras, nem tanto, o que também não significa ser algo estritamente negativo, mas indica uma necessidade de nos atualizarmos cada vez mais.

“Google Meet, Google Sala de Aula, Moodle” (Professor 2).

“Um pouco de tudo” (Professor 1).

“Alguns programas do Pacote Office (Word, Power Point, etc.); também aprendi a lidar com algumas questões operacionais nos ensinos remoto e híbrido, como ferramentas Google e como questões físicas do computador (cabos de conexão, fios, extensões). Entendo o funcionamento de algumas redes sociais também, como Instagram e blogs” (Professor 5).

### **Gosta de ler via ferramentas digitais?**

A maioria disse que não, afirmando ter preferência pelo material impresso: “Não, sou das antigas e gosto de ler só no papel” (Professor 3); “Prefiro livros físicos” (Professor 3). Assim, embora os livros digitais e leitores de *e-books* sejam uma realidade, o material físico tradicional ainda é o preferido pelos docentes.

### **Como a linguagem oral é tratada na proposta pedagógica ou curricular de sua escola?**

Algumas respostas reforçam o aspecto da predominância de gêneros escritos; outras, por sua vez, foram menos precisas:

“Na escola que trabalho fica a critério do professor” (Professor 4).

“Com pouca relevância, acredito. O foco durante o ano letivo são as práticas de leitura e de escrita e um uso massivo do livro didático (por ser um material caro adquirido pelos pais no começo do ano)” (Professor 5).

“A proposta costuma seguir o livro didático, mas o docente sempre busca utilizar outros mecanismos para o desenvolvimento das práticas de Linguagens e evitar ficar ‘preso’ ao livro” (Professor 3).

“A linguagem oral é fundamental para o desenvolvimento do aluno”  
(Professor 7).

**Qual ou quais das práticas de linguagem oral os seus alunos apreciam mais? (mostram maior interesse?)**

A maioria dos professores respondeu que o debate é a principal prática. Acreditamos que essa preferência seja porque, como vimos, os professores conduzem essa prática de uma maneira mais livre, dando uma maior liberdade aos alunos.

## 5 CONCLUSÃO

De uma maneira geral, podemos perceber, com esta breve pesquisa, que os professores têm consciência de ser necessário um trabalho com a oralidade, mesmo que em alguns momentos ela não seja o foco de suas aulas. Para além disso, eles se preocupam com suas práticas leitoras dentro e fora de sala, o que nos mostra um fato positivo com relação ao entendimento da atuação docente.

Isto posto, ressaltamos que é essencial que ações sejam, de fato, realizadas de modo mais diverso, a fim de que a oralidade passe a ser figura comum nas aulas de português, pois, para que o ensino de LP seja efetivo, é interessante que haja uma interação entre os seus eixos e não uma sobreposição de alguns em relação aos outros.

A princípio, cabe destacar que a enquete foi dedicada a professores de Língua Portuguesa, portanto, coletamos respostas apenas de quem atua com a educação nessa área em específico. Por meio de uma das questões, percebemos que, embora todos tenham se colocado como amantes da leitura, nenhum tem tempo hábil para se dedicar a ela. Segundo as respostas, isso acontece não só pela falta de tempo, como também pela necessidade de se inteirar das preferências dos alunos, que por vezes não refletem o gosto dos professores.

As práticas de oralidade, por sua vez, também ficam limitadas devido ao tempo reduzido das aulas. É posto pelos professores que a prática mais utilizada em sala de aula, hoje, é a exposição oral, seguida pelo seminário e pelo debate regrado. Ademais, um número considerável de professores menciona o *podcast*, fato que vai ao encontro dos apontamentos do BNCC (BRASIL, 2018), posto que, nesta Era Digital, tudo passou a ser mais rápido e a quantidade de informação disponibilizada e, conseqüentemente, a ser transmitida, parece ser maior. Sendo assim, é interessante considerarmos como os alunos, enquanto ouvem o *podcast*, conseguem fazer outras coisas, submersos na lógica das multitarefas. Além disso, assim como posto, o *podcast* é um gênero que agrada ao público mais jovem, o que faz o professor se dedicar mais a ele ao elaborar seus planejamentos de aula.

As respostas sobre os desafios do ensino evidenciam o imediatismo do aluno que, hoje – em especial depois do início da pandemia e com a educação híbrida –, prefere um acesso à educação de maneira mais ágil, o que explica o gosto pelo

*podcast* – mecanismo que possibilita acelerar o áudio e exercer, ao mesmo tempo, outras atividades – e o pouco interesse na leitura. Pelo relato dos professores, percebemos que um certo simplismo dos alunos é um desafio educacional, na medida em que não se dedicam a aprofundar aquilo que veem em sala de aula.

Por meio do Levantamento II, percebemos que a oralidade é um fator importante para os professores, que tentam incentivar os alunos, seja por meio de criação de diálogos, leitura e discussão de livros ou elaboração de *podcasts*. No entanto, embora seja de comum acordo o quão importante acreditam ser o uso da oralidade, é perceptível a dificuldade dos docentes em relacioná-la ao método conteudista que a LP ainda impõe no âmbito da educação básica e em lidar com o pouco suporte que a escola proporciona.

Quando questionamos acerca da parte tecnológica e dos novos gêneros, é notória a distância entre a realidade do professor e do discente. O primeiro limita os novos gêneros orais ao *podcast* – o que explica o motivo de este gênero ser recorrente nas respostas – e tem como conhecimento ferramentas tecnológicas que não são tão interessantes aos alunos ou não acrescentam ao conteúdo, por estarem mais voltadas para o desenvolvimento de suas atividades profissionais propriamente ditas – como *Google Sala de Aula*, *Moodle* ou redes sociais.

Apesar de tudo isso, a maior parte dos professores afirmou que a forma que os alunos mais gostam de utilizar a oralidade em sala de aula é por meio de debates regrados. Assim, se nas redes sociais ou nos aplicativos os jovens não precisam se identificar em seus posicionamentos, em sala de aula, ao contrário, gostam de expor e ouvir o que o outro tem a dizer. Esse interesse pode nos sugerir um caminho a ser melhor explorado ao longo das aulas.

De forma geral, as novas tecnologias e os novos gêneros nos mostram que – embora exista a rapidez e a relação paradoxal de opinar e, ao mesmo tempo, omitir-se a partir da anonimidade proporcionada pelas redes –, os alunos ainda conseguem utilizar a oralidade no mais antigo modo que há: o debate.

## REFERÊNCIAS

BILRO, F. K. S.; COSTA-MACIEL, D. G. **Didatização do gênero seminário: análise do relato da prática docente. Veredas** – Revista de Estudos Linguísticos, v. 21, n. Especial, p. 287-306, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/28007>. Acesso em 26 jul. 2022.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – Educação é a base**. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_sit e.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_sit e.pdf). Acesso em 26 jul. 2022.

BUENO, L.; COSTA-HUBES, T. C. **Gêneros orais no ensino**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

COSTA-MACIEL, D. A. G. **Oralidade e ensino: saberes necessários à prática docente**. Recife: EDUPE, 2014.

CYRANKA, L.; MAGALHÃES, T. G. Ensino de linguagem: perspectivas teóricas e práticas pedagógicas. In: **Gêneros orais e ensino de Língua Portuguesa**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2016.

DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

ELIAS, V. M. (Org.). **Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, leitura e escrita**. São Paulo: Contexto, 2011.

FÁVERO, L.L.; ANDRADE, M. L. V. O.; AQUINO, Z. G. O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. São Paulo: Cortez, 1999.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

LEAL, T. F.; GOIS, S. (Orgs). **A oralidade na escola: investigação do trabalho docente como foco de reflexão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MAGALHÃES, T. G.; CRISTOVÃO, V. L.L. Análise do eixo da oralidade do Programa Nacional do Livro didático de Língua Portuguesa (anos 2005 a 2014). In: MAGALHÃES, T. G.; GARCIA-REIS, A. R.; FERREIRA, H. **Concepção discursiva de linguagem: ensino e formação docente**. Campinas: Editora Pontes, 2017.



MAGALHÃES, T. G.; LACERDA, A. P. de O. Concepções e práticas de oralidade na escola básica na perspectiva dos docentes. **Horizontes**, Itatiba, SP, v. 37, e019004, 2019. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/664>. Acesso em 26 jul. 2022.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 9. ed São Paulo: Cortez, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **A língua falada e o ensino de português**. In CONGRESSO DE LÍNGUA PORTUGUESA, 6., 1996, São Paulo. **Atas** [...]. São Paulo: PUC-SP, 1996. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/labor//files/2018/06/OLE-A-I%c3%adngua-falada-e-o-ensino-de-portugu%c3%aas-L.-A.-Marcuschi-UFPE.pdf>. Acesso em 26 jul. 2022.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ROJO, R.; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SIGNORINI, I. (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

## ANEXOS

## Anexo 1 – Página inicial do formulário

## Práticas de letramento e de oralidade na escola básica

Prezados/as professores/as, estes dados comporão um TCC do Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Texto – PROLEITURA – da UFMG. Trata-se de um instrumento elaborado pelo pós-graduando Joaquim Castro e sua orientadora Leiva Leal para o presente estudo sobre práticas de letramento e de oralidade. De antemão, gostaríamos de agradecê-los/as pela disponibilidade em nos ajudar com nossa pesquisa. Para tanto, esta entrevista fará parte de dois levantamentos: o primeiro relacionado ao contexto sociocultural em que os/as senhores/as estão inseridos e, o segundo, sobre suas práticas de ensino dentro de sala de aula. Suas identidades serão preservadas.

[Faça login no Google](#) para salvar o que você já preencheu. [Saiba mais](#)

**Próxima**

**Limpar formulário**

## Anexo 2 – Levantamento I

### Levantamento I

Nome completo (Não se preocupe, sua identidade será preservada). \*

Sua resposta

E-mail: \*

Sua resposta

Qual a sua formação? \*

especialização

doutorado

mestrado

graduação

Captura de tela. Fonte: produzida pelo autor, 2022.

Qual o seu tempo de magistério? \*

Sua resposta

---

Quais são as turmas para as quais leciona? \*

Sua resposta

---

Em qual instituição você trabalha? \*

Sua resposta

---

Qual a sua relação com as práticas de leitura? (Você se considera um/a bom/a leitor/a? – O que costuma ler por necessidade? E por prazer?) \*

Sua resposta

---

Qual a sua relação com as práticas de oralidade? (Quais são as práticas orais em que você está inserido no dia a dia e como você lida com elas?) \*

Sua resposta

---

Para você, quais são os desafios concernentes ao ensino de língua portuguesa nos dias de hoje? \*

Sua resposta

---

### Anexo 3 – Levantamento II

#### Levantamento II

A oralidade compõe-se como fator fundante para o ensino de língua portuguesa e é nomeada, na BNCC, como um dos eixos da prática de ensino. De acordo com este documento, esse eixo de ensino compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face.

De que maneira tem explorado essa prática em suas aulas de Língua Portuguesa? \*

Sua resposta

---

Captura de tela. Fonte: produzida pelo autor, 2022.

Para você, compreende-se como práticas <sup>\*</sup> de oralidade:

- uma fala livre, em que os alunos se manifestam o tempo todo para expressarem suas opiniões
- saber as características de alguns gêneros orais
- apropriar-se de gêneros orais, entendendo-os como práticas sistematizadas em nossas relações sociais
- saber falar bem, respaldando-se na norma padrão da língua
- Outro: \_\_\_\_\_

Do ponto de vista do ensino da LP, qual a <sup>\*</sup> importância da linguagem oral na formação dos alunos?

Sua resposta

---

Em suas aulas, a prática de oralidade: \*

- Tem sido privilegiada sempre
- É usada em momentos oportunos
- Quase nunca é abordada
- Fica presa ao que é estabelecido nos livros didáticos

Quais gêneros orais você mais privilegia em seu planejamento? \*

- seminário
- entrevista oral
- debate regrado
- podcast
- mesa-redonda
- relato oral
- palestra
- exposição oral
- Outro: \_\_\_\_\_



Como conduz, em suas práticas de linguagem oral, a questão das variedades linguísticas? \*

- não me preocupo com isso
- procuro orientar o uso da linguagem respeitando o contexto de quem fala
- procuro interferir, orientando para a fala em relação à norma da língua
- considero as variantes trazidas pelos alunos, mas sempre destaco a importância do domínio à norma padrão

Sérgio Roberto Costa, um estudioso de \*  
letramentos e também de oralidade,  
ressalta em um de seus textos, ao falar do  
hipertexto, que a diversidade dos textos  
multissemióticos, atualmente, contribuem  
para um rompimento de fronteiras entre a  
oralidade e a escrita, o que é positivo, pois  
evidencia o “nascimento” de novos  
gêneros textuais, ou seja, gêneros que  
têm surgido conforme as mudanças  
tecnológicas. Conhece alguns desses  
novos gêneros? (sejam eles da escrita  
e/ou da oralidade)

Sua resposta

---

Como você avalia esse conhecimento (dos \*  
novos gêneros orais) para os alunos:

- muito importante
- pouco importante
- importância média.

Quais tecnologias digitais domina? \*

Sua resposta

---

Gosta de ler via ferramentas digitais? \*

Sua resposta

---

Como a linguagem oral é tratada na proposta pedagógica ou curricular de sua escola? \*

Sua resposta

---

Qual ou quais das práticas de linguagem oral os seus alunos apreciam mais? (mostram maior interesse?) \*